



A RELAÇÃO ENTRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E OS LOCAIS DE CONVÍVIO SOCIAL

BEATRIZ DE FREITAS SILVA¹

Resumo

O Brasil em sua extensão geográfica possui uma pluralidade cultural de igual tamanho, pluralidade essa advinda da miscigenação de culturas, povos originários, europeus colonizadores, negros escravizados, e os imigrantes. Não só a cultura é diversa, como as religiões também o são. Apesar da predominância católica e evangélica, as religiões de matriz africana estão presentes, e serão o foco deste trabalho, que busca entender o porquê essas religiões ainda hoje sofrerem preconceito. Este artigo trará alguns exemplos de ritos comuns nas religiões de matriz africana, feitos em locais públicos e suas fundamentações. Buscando na colonização um porquê para o preconceito com essas religiões e seus praticantes, religiões essas que são diversas, mas terão como base para exemplificar os cultos a Quimbanda, Umbanda e Candomblé, esses praticantes ao cultuarem suas divindades não tem tido verdadeiramente a liberdade de culto prevista em lei. Com o intuito de esclarecer e contribuir para que a curiosidade e a falta de conhecimento a respeito dessas ritualísticas seja sanada, o presente artigo traz um pouco de fundamento religioso. Por fim, a questão de serem comparados ao Diabo, e atacados, às vezes, por fiéis de outras linhas religiosas, ou até mesmo por pessoas que não professam uma fé específica, mantendo vivo e atual o tema racismo religioso.

Palavras-chave:

Negros; religiões de matriz africana; quimbanda; umbanda; racismo religioso.

INTRODUÇÃO

É de conhecimento de todos que é um costume dos praticantes de religiões de matriz africana utilizarem de diversos locais, como por exemplo: cemitérios, encruzilhadas, praias etc. para cultuarem suas divindades. Essa prática é, muitas vezes, não compreendida pela comunidade não-praticante dessas religiões, sendo isso muitas vezes o estopim para ser cometido um ato de intolerância religiosa.

A incompreensão citada anteriormente tem sua origem além do estranhamento por uma ritualística desconhecida, o que nos leva a intolerância religiosa comum até os dias de hoje em nossa sociedade. Este artigo pretende buscar a origem dessa intolerância, bem como o porquê de sua ocorrência nos dias de hoje, com tanta informação disponível a distância de um click.

No decorrer deste artigo utilizar-se-á o termo Praticante para os adeptos de religiões de matriz africana como por exemplo Quimbanda, Umbanda e Candomblé, entre outros. E não-praticantes para àqueles que não são adeptos a alguma religião de matriz africana².

¹ Acadêmica do Curso de Direito da FAMEPALHOÇA – UNIASSELVI.

² Nota da autora: Quimbanda, Umbanda, Candomblé dentre outras, são religiões brasileiras de matriz afro-indígena, neste artigo o foco será o lado africano, não desmerecendo a raiz indígena, a qual tenho completo respeito, tanto pela cultura, pelas tradições e a maneira como vivem sua espiritualidade, e é pelo respeito que tenho que não quero tratar de forma rasa um assunto tão delicado e de extrema importância.



PRINCIPAIS RITUALÍSTICAS FEITAS EM LOCAIS DE CONVÍVIO SOCIAL

Dentre as principais ritualísticas, destaca-se o culto a Iemanjá Orixá – divindade – do panteão africano, ela se destaca como uma das mais conhecidas no Brasil sincretizada com Nossa Senhora dos Navegantes, muito conhecida no litoral brasileiro, possui uma festa anual que atrai muitos adeptos, simpatizantes e curiosos todos os anos no dia 2 de fevereiro, é exemplo de uma ritualística já comum e aceita pela sociedade, e que ocupa espaços públicos. Neste dia ou em dias próximos é muito comum comunidades de terreiro irem as praias fazerem as chamadas “giras” ou “sessões” que nada mais são do que seus cultos regulares.

De acordo com a Fundação Cultural Palmares a figura de Iemanjá transcende os limites religiosos, incorporando-se à arte, à música e à literatura, onde é frequentemente retratada como um símbolo de resistência. Trazendo para a cultura nacional, a Orixá, símbolo que enaltece as praias como palcos de devoção e alegria, onde devotos de todas as idades e origens se reúnem para ofertar flores, espelhos, perfumes e pequenos barcos, simbolizando a entrega de seus pedidos e agradecimentos à Rainha do Mar. Este ritual, além de sua beleza estética, é um poderoso ato de fé e renovação espiritual, marcando o início de um novo ciclo.

Outro ritual que é comum pessoas se depararem são as oferendas à alguma entidade em uma encruzilhada, oferendas estas muitas vezes referidas como “despachos” pelos não praticantes. Sendo comum também ouvir a expressão popular “chuta que é macumba”, demonstrando uma certa aversão pelo desconhecido. Quando na realidade essa oferenda é geralmente um trabalho para abertura de caminhos, para conseguir um emprego, uma nova oportunidade, não contendo intenções maléficas. Isso se dá pelo fato de que a encruzilhada representa as possibilidades de caminhos, no sentido figurado da palavra, para serem seguidos na vida.

As encruzilhadas são os locais onde ocorre o entroncamento e direcionamento energético encaminhando as almas ao seu destino, ou seja, onde os espíritos encontram rumo correto no reino dos mortos. Antigas tradições e culturas utilizavam a encruzilhada como local sagrado para cultos e oferendas, objetivando o contato com a ancestralidade e com forças/divindades. (Giusto,2023, p.62)

Como Tata Giusto traz em seu livro *O Caminho da Serpente* (2023, p.62), a prática de oferecer em encruzilhadas é mais antiga do que se pode imaginar, mostrando que não é uma “invenção” da macumba brasileira. Já as oferendas em cemitérios têm um significado um pouco mais profundo, para os praticantes o cemitério é um lugar sagrado, essas religiões tem como base o culto a ancestralidade, e o cemitério conhecido como Kalunga Pequena ou Campo santo é o local de repouso das almas que são os ancestrais desta terra.

Kalunga (ou calunga) é uma palavra do idioma bantu cuja definição assemelha-se a “necrópole”, “terra dos mortos” ou “mundo dos ancestrais”. Quando os negros africanos escravizados eram trazidos para o Brasil, atravessavam o “grande rio” (mar), ao qual se referiam como “Kalunga Grande”, pois era o local para onde se destinavam os cadáveres daqueles que morriam no trajeto. Por extensão, a concepção de local de destino dos mortos (cemitérios) nos espaços continentais e meios urbanos recebeu a denominação de “Kalunga Pequena”, cuja concepção se mesclou ao modelo europeu, com túmulos, tumbas, lápides, catacumbas, mausoléus e cruzeiros (Giusto,2023, p.87).

Trazendo algo mais comum ao cotidiano das pessoas, pode-se encontrar no trabalho, no mercado, no banco ou até mesmo na rua um praticante vestido de branco, com a cabeça coberta por um pano branco, muitas vezes com colares chamados de “guias” ou “fios de conta” adornando seu pescoço. Isso indica que esta pessoa está respeitando seus preceitos religiosos e ao seu orixá (divindade africana), não quer dizer que está fazendo “macumba”. Muitas vezes o praticante é obrigado a estar completamente de branco por vários dias independente do lugar que frequente, podendo essa obrigação se estender por meses e até 1 ano, dependendo do culto.

Oxalá é o grande orixá da criação e em sua honra os iniciados no candomblé vestem-se de branco todas as sextas-feiras, cumprindo alguns outros resguardos de ordem alimentar e comportamental



[...]. A cor do nascimento e do renascimento, ligada a todos os ritos de passagem e às transformações (Rodney, 2018, p.1).

Com estes breves exemplos pode-se começar a compreender que os cultos de matriz africana possuem fundamentos sólidos em suas tradições, de acordo com Giusto (2023, p.22) essas tradições se perpetuam nesse país desde 1532 com a chegada do povo bantu em 1532 (primeiros registros) e em 1789 com a chegada dos iorubás. Mesmo com a tentativa de catequização forçada durante a escravidão as crenças e ritualísticas destes povos sobreviveram.

ORIGEM DO PRECONCEITO

O Estado Brasileiro é laico desde a Constituição de 1891, quando legalmente separou a Igreja e o Estado, fato consolidado na CRFB/88. Entretanto o Brasil não nasceu em 1891, a invasão dos Portugueses em 1500 deu início a miscigenação cultural que perpetua até hoje no país. Como traz Maria Luisa Pereira Oliveira a seguir:

[...] observa-se que desde o período colonial brasileiro há a persistência de relações diretas entre o poder político e a religião católica, sendo essa a religião oficial nessa época. Para que pudessem manter suas referências e heranças culturais, as religiões africanas tiveram de ser recriadas e adaptadas ao novo contexto. Nele, celebrações de sua fé eram proibidas e consideradas como manifestações de feitiçaria ou associadas ao mal. Constata-se, portanto, que essas repressões e a criminalização de religiões de matrizes africanas remontam ao período escravocrata (Oliveira, 2022, p.1).

Conforme entendimento de Gilciana Paulo Franco (2021, p.35) “mediante o processo colonizador, os escravizados perderam a sua humanidade, se tornaram objeto e foram proibidos de colocar em prática os seus rituais religiosos, sendo obrigados a se converterem ou pelo menos fingir que converteram ao catolicismo.”

Na sociedade colonial as práticas religiosas dos negros eram vistas principalmente como “magia”, “feitiçaria” e “curandeirismo”, algo que estava relacionado ao mal, e precisava ser combatida, assim, a principal perseguição desta época era por parte da igreja católica, e depois veio a se estender a outros segmentos da sociedade (Carneiro, 2019, apud Franco, 2021, p.35).

Essa relação das religiões de matriz africana com o que é considerado “mal” continua até os dias de hoje, em forma de intolerância, que será tratada neste artigo por racismo religioso como elucida Franco (2021, p.40) e traz para o ordenamento jurídico este termo que contempla uma comunidade ou todos os praticantes das religiões de matriz africana, o que gera maior visibilidade à anos de luta encabeçada principalmente pelos movimentos negros que incansavelmente lutam por igualdade e pela garantia dos direitos da população afrobrasileira. É preciso entender que o ataque sofrido pelos praticantes de matriz africana está estritamente relacionado com o pertencimento étnico, o passado histórico e com a base racista que estruturou a nossa sociedade.

As crenças católicas estão enraizadas na população brasileira, a maioria dos feriados são católicos, as expressões “valha me Deus”, “só por Deus”, “Deus te acompanhe” e muitas outras trazem consigo essa origem, como diz Souza, (2028, p.129) ser católico, era algo natural e inquestionável em uma época na qual o mercado religioso não oferecia alternativas válidas, mas ser católico não implicava, necessariamente, o respeito às obrigações impostas pela Igreja nem a frequência a seus ritos. Não implicava, sequer, uma educação religiosa atenta aos dogmas, que não invalidava, contudo, a autenticidade da fé.

Se tudo que foi citado pode ser relacionado a uma herança do catolicismo, é correto dizer que o racismo religioso tem a mesma origem?



OS ASPECTOS HISTÓRICOS DAS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

O dia 13 de maio de 1888³ não mudou a vida dos negros “do dia para a noite”. O Brasil passou a receber diversos imigrantes, dentre eles, italianos, alemães e portugueses. Esse fato não mudou a visão dos brancos sobre os negros.

[...] Rio de Janeiro passa por grandes transformações, como o fim da escravidão e a reforma do centro da cidade. Todo esse processo desencadeou uma marginalização das pessoas que pertenciam às classes mais pobres da sociedade, cuja maioria era formada pelos ex-escravos e seus descendentes, o que gerou a eles uma condição social ainda mais miserável, já que ficaram isolados da sociedade, das possibilidades de trabalho e ascensão de vida, escondidos nos morros (Cunha; Teixeira, 2018, p299).

Não podendo ainda celebrar sua cultura, pois o Código Penal de 1890 previa a pena de prisão celular⁴ por dois a seis meses pela prática da Capoeira. Em 1940, o Código Penal previa pena de seis meses a dois anos de detenção, pela prática de curandeirismo. Até mesmo o Samba já foi proibido no Brasil por se enquadrar no que era considerado “vadiagem”.

[...] a tipificação de condutas como a vadiagem e a prática da capoeira, por exemplo, pela legislação penal brasileira, garantiu a criminalização primária e secundária dessas pessoas, isto é, condutas corriqueiras da cultura e modo de viver dos negros e ex-escravos – porque a capoeira era herança da cultura africana e a vadiagem poderia ser configurada simplesmente pela ausência de um trabalho formal [...] (Cunha; Teixeira, 2018, p.299).

O estudo da história do Brasil e da história afro-brasileira demonstra que a falta destes conhecimentos pode ser o motivo de o racismo religioso ser ainda tão forte. A história do Brasil ensinada nas escolas é eurocêntrica, assim como o Brasil é até hoje, sempre buscando espelhar a cultura europeia, ou mais recentemente a norte americana.

Após a segunda guerra mundial a maioria dos países assinaram a Declaração Universal de Direitos Humanos, que versa: toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião - que inclui a liberdade de não ter ou mudar de religião, permitida, ainda, a manifestação de sua crença por práticas de cultos, isoladamente ou coletivamente, em público ou em particular. Esse direito não é uma realidade.

O Brasil, além de ter assinado a Declaração Universal de Direitos Humanos, tem em sua Constituição em seu art. 5º, inciso VI, que versa que “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias”. (BRASIL,1988).

Este mesmo Brasil que possui uma lei que versa sobre o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, no ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. (BRASIL, 2003) mas que não consegue a pôr em prática.

Cerca de 20 anos após sua publicação, mais de 70% das secretarias municipais de Educação do país fizeram pouca ou nenhuma ação para implementar a Lei nº 10.639, que determina a obrigatoriedade do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos das instituições de Educação Básica. (Carta Capital, 2023, p.1)

Isso a nível Brasil, mas filtrando um pouco a questão, e trazendo pra uma realidade mais próxima, O Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina traz os seguintes dados:

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, o Estado teve o maior registro de casos no Brasil, com 2.865 violências - uma média de 7,8 registros diários. De agosto de 2018 a

³ Faz referência ao dia da promulgação da Lei nº3.353 de 1888 que aboliu a escravidão no Brasil.

⁴ Prisão celular era uma das penas do antigo Código penal de 1890 (BRASIL,1890), substituída pela reclusão ou detenção (BRASIL, 1941).



agosto deste ano, por exemplo, 133 casos de injúria racial chegaram ao Poder Judiciário catarinense (PJSC). Neste mesmo período, 122 pessoas foram condenadas pelo crime (TJ-SC, 2021, p.1)

Mostrando que o preconceito está próximo, muitas pessoas podem não perceber por não serem negros e praticantes dessas religiões, mas ele existe, persiste e fere muitas pessoas.

UM POUCO DE FUNDAMENTO

Tudo que rodeia o ser humano é, para um umbandista, candomblecista, quimbandeiro, parte de seu ritual, esses rituais envolvem rezas em forma de cantos, toques de atabaque, dança, e contato com o entorno, o que gera desconforto em grande parte da sociedade, que como justificativa colocam a culpa no barulho, ou por “ser do diabo”⁵, qualidade que quem pôs nesses rituais foi a Igreja Católica⁶.

As religiões de matriz africana se autodenominam comunidades de terreiro, existe uma hierarquia a ser respeitada dentro das casas, chamadas de axé, onde o zelador(a), Yalorixá ou Babalorixá são as figuras centrais.

Não existe ritual dentro de um terreiro de candomblé que não tenha comida [...] pois é uma maneira de estarmos juntos. Acredito que tudo que o africano fez foi uma forma de se proteger, de estar perto, de se fortalecer; e acho que não há nada melhor que todos comendo juntos em volta de uma mesa [...] (Souza; Dário, 2024, p.24).

O senso de comunidade é muito forte nessas religiões, quando você entra para um terreiro – templo - você passa a fazer parte de uma família.

Na nossa tradição a gente vive primeiro e, depois das vivências, a gente chega ao conceito. Porque o conceito é resultado das vivências que você teve. O que a gente tem no mundo judaico-cristão é que primeiro você diz o que precisa fazer, não observa o que é feito. Essa visão faz com que você repita o que o outro diz, “o que o senhor mandar, faremos todos”, ficamos nesse fazer, sem corrigir o que é dito e sem mudar nada (Souza; Dário, 2024, p.170).

O ritual está para as religiões de terreiro, tal qual a Bíblia para os cristãos, você vive e experiencia o sagrado, por meio de práticas e rituais passados dos mais velhos para os mais novos, sentando e conversando, participando da comunidade terreiro.

Dentre as divindades dos cultos de matriz africana, serão citadas aqui as cultuadas na Umbanda, mas é importante pontuar que cada vertente tem suas crenças e as divindades podem divergir. Segue a definição dos orixás de acordo com Ademir Barbosa Júnior.

Oxalá é o Orixá maior, responsável pela criação do homem, pai dos demais Orixás, representa a sabedoria, serenidade a pureza da cor branca e o respeito (Barbosa Junior, 2014, p.52).

Iansã, Orixá guerreira, senhora do movimento, dona dos ventos, das tempestades, dos trovões e também dos espíritos desencarnados, conduzindo-os para outro plano, ao lado de Obaluaê (Barbosa Junior, 2014, p.103).

Obaluaê, filho de Nanã, criado por Iemanjá, tem o corpo coberto por palha-da-costa. Orixá responsável pelas passagens deste plano para o outro, da carne para o espírito, e também pela saúde e pelas doenças, sendo conhecido como médico dos pobres (Barbosa Junior, 2014, p.131).

⁵ Logo, no processo de cristianização, Exu torna-se a fonte de todos os males, a personificação do mau. A identificação desse orixá com o diabo se consolidou nos dicionários e nos escritos de diversos estudiosos desde o começo da colonização até os dias atuais. (VEIGA, 2020, p.221)

⁶ Os povos nativos, os negros escravizados e os colonizadores receberam até o fim do século VIII a educação religiosa que abordava as facetas do “Diabo Cristão e suas Hostes”, provindas de obras de demonologia. (COPPINI, 2014, p.59)



Iemanjá, a mãe dos Orixás, rainha das águas e dos mares, protetora de pescadores e jangadeiros, é a Orixá que apara as cabeças dos bebês na hora do nascimento, rege os lares, as casas e as uniões (Barbosa Junior, 2014, p.115).

Oxossi, Orixá da caça e da fartura, ligado às florestas, às árvores, aos antepassados, rege a lavoura e a agricultura, também sendo relacionado ao poder medicinal das folhas e plantas (Barbosa Junior, 2014, p.69).

Nanã, a Orixá mais velha, relacionada a sabedoria, senhora da vida e da morte, presente na chuva e na garoa, associada as águas paradas e a lama dos pântanos. Rege a maturidade, bem como atua no racional dos seres (Barbosa Junior, 2014, p.109).

Ogum, Orixá da espada, da forja e do ferro, senhor dos caminhos e das estradas de ferro, simboliza a ação criadora do homem sobre a natureza. Protege as portas de casas e templos (Barbosa Junior, 2014, p.58).

Oxum, senhora das águas doces e das cachoeiras, representada pela feminilidade, fertilidade e maternidade. A ela se associa as crianças e o ventre feminino, conhecida também como a Orixá do amor (Barbosa Junior, 2014, p.92).

Xangô, Orixá da justiça, representa a decisão, a concretização, a iniciativa, a vontade, a vida, a sensualidade, a paixão, a virilidade. Seu machado, chamado de “Oxê”; possui dois gumes, símbolo de sua justiça traz a ideia de que todo fato tem, ao menos, dois lados, duas versões, que devem ser pesadas e avaliadas (Barbosa Junior, 2014, p.76).

Rezar ao vento saudando Iansã, pedir licença a Oxóssi antes de entrar na mata, pedir a benção aos mais velhos, pois assim manda os ensinamentos recebidos dentro da religião onde se respeita quem veio primeiro, pedir força a Ogum para vencer as batalhas da vida, e sabedoria a Nanã a Orixá mais velha. Levar flores a Iemanjá agradecendo pelo ano que passou e pedindo coisas boas pro novo ano que está por vir, sem esquecer de pular a 7 ondas. Oferendar a Oxum na cachoeira para que o casal seja abençoado com uma criança tão desejada, pedir *maleme*⁷ a Xangô pelas falhas cometidas, e com todo respeito saudar o Senhor das Palhas, pedindo que leve embora com ele toda a doença.

Atos comum nos cultos a Orixá, essas práticas muitas vezes envolvem ir em locais públicos, trajado de branco ou com indumentárias características dessas religiões, e oferendar em cima de uma folha de bananeira, grãos, farofa, frutas, bebidas e outros elementos que “alimentam” as divindades e os ancestrais desse povo, com as finalidades citadas acima.

Quais os aspectos negativos nessa ritualística?

Uma resposta para essa pergunta pode ser devido a esses rituais cultuarem Exu e Pombagira, pois esses seres bebem, fumam, dão gargalhada, demonstram sensualidade, Exu relacionado ao diabo cristão, e Pombagiras a prostitutas, só por carregarem esse sincretismo já é motivo para preconceito, o beber e fumar que os não praticantes não compreendem se fundamenta na habilidade que tanto um quanto o outro possuem de manipular elementos para a limpeza energética de seus médiuns. Importante ressaltar que um médium que tenha problemas com bebidas alcoólicas não fara uso delas durante a incorporação, pois exu e pomba gira não é bagunça, não é “beberagem”, eles são ensinamento, força e verdade.

O nome Exu é entendido de duas formas, a de Orixá e a de entidade, ambas de igual complexidade. Sintetizando da melhor forma possível:

⁷ Maleme – Pedido de perdão, misericórdia. Palavra do Quicongo. (BARBOSA JUNIOR, 2014, p.307)



Exu é a substancia que fundamenta as existências; é a linguagem como um todo. É o pulsar dos mundos, senhor de todas as possibilidades [...] ele é o acontecimento (Rufino, 2019, p.23)
Exu fala qualquer língua, diz no não dito, se não existe palavra, ele inventa. Agora para aqueles que se colocam acomodados nas espreguiçadeiras da certeza, Exu prega peças [...] (Rufino, 2029, p.31).

Exu é difícil de compreender, é mais fácil vivê-lo, as palavras de Rufino definem as duas formas de Exu, Exu como Orixá ele é o tudo e o nada, uma divindade, que te coloca em movimento, para que você faça sua vida caminhar, ao invés de esperar por um milagre, nem que pra isso tenha que te pregar peças, virar o mundo do avesso. Ele também é o mensageiro dos Orixás.

Aliás, na nossa tradição, todos são filhos de Deus. Na nossa tradição, não temos um corte, como criaram no mundo judaico-cristão, no qual somente Cristo é filho de Deus; para que você possa chegar até Deus, precisa passar por Cristo – ou por Maomé. Não temos intermediários, temos um contato direto e temos o portador das nossas energias para Olodumarê, que é Exu, o movimento. É o nosso movimento que nos conecta com Deus (Souza; Dário, 2024, p.182).

Exu como entidade, apesar de ter o mesmo nome e características parecidas são completamente diferentes, “entidades” e aqui se refere as Pombagiras também, se entende como pessoas que viveram, morreram e ao invés de reencarnar ficaram do lado espiritual atuando no auxílio dos encarnados, essas entidades também podem virar sua vida de cabeça pra baixo com o intuito de ensinar algo necessário para sua vida, colocando o adepto no caminho no qual ele deve seguir.

Exu e Pomba-gira são duas entidades da linha de esquerda, marginalizadas e julgadas pela sociedade como figuras que simbolizam o mal. Exu escancara o que o ser humano tem dificuldade de aceitar, suas fraquezas e, com ele, vem junto o palavreado, o jeito, a gargalhada, a expressão de tudo aquilo que é julgado como errado e imoral. Contudo, mediante seus atributos, ele demonstra sua força e sua ação dentro do terreiro e na vida das pessoas que passam por lá. Já a Pomba-gira é o lado da mulher que a sociedade não aceita; ela representa a sexualidade, a força, a independência e o mais difícil de tolerar, a dispensabilidade com relação ao homem (Corrêa, 2022, p.18).

Com essa definição pode-se entender algumas das razões de exu e pombagira serem atacados, afinal, aceitar suas fraquezas e aceitar a independência das mulheres ainda são tabus na sociedade atual, na época da escravidão era ainda pior.

O QUE MANTÉM O RACISMO RELIGIOSO VIVO?

Como visto anteriormente a igreja católica tentou submeter sua doutrina no negro escravizado, mesmo após a abolição os negros não foram livres para cultivar suas divindades.

Na sociedade brasileira, do período colonial até os dias de hoje, o Diabo tem cor, gênero e classe social; é um homem preto, seja ele o temido “traficante”, desumanizado nas mídias e nos discursos públicos, seja Exu, considerado o próprio Diabo e representado pelas lideranças de terreiro (Rocha, 2025, p.44).

Ainda é uma situação presente, como traz Zandra et al (2017, p.123), o catolicismo possui um currículo histórico de perseguição em relação às outras religiões, na atualidade os discursos e práticas de intolerância ocorrem principalmente entre os neopentecostais, pois eles interpretam as divindades das religiões de matrizes afro-indígenas como “espíritos demoníacos” que além de ser uma questão de cunho histórico-social, essa postura de intolerância religiosa fundamenta-se no dualismo pré-existente na teologia cristã, já que os símbolos cristãos representam o “bem” e os símbolos dos não cristãos representam o “mal”, sendo uma prática lógica a demonização de cultos externos.

Não obstante o citado acima, conforme se posiciona Rocha (2025, p.37) o Neopentecostalismo, diferente do que foi o Pentecostalismo clássico de décadas anteriores, se aproximou e se apropriou do sistema simbólico de manipulação mágica pertencente às religiões de matriz africana, para depois negá-lo e demonizá-lo.



O fiél neopentecostal acaba por visualizar, espelhado em um candomblé que ele mesmo constrói, o seu 'mal libertador', fazendo da violência um ato sagrado e religioso de libertação e de ocupação da fonte geradora de malefícios (Reinhartdt, 2007 apud Rocha, 2025, p.37).

Palavra é poder, como traz Rocha em seu livro *A Culpa é do Diabo*, (2025, p.43) e segue explicando que discursos podem reproduzir lógicas de morte e de ódio e servir na construção de uma memória colonialista, que pressupõe supremacia. Essa ideia de supremacia é perigosa, o inferior é desumanizado e criminalizado.

A fé de um indivíduo não o obriga a odiar o outro, porém a associação das religiões de matriz africana com o Diabo na maneira como foi definida e apresentada ao longo da história, como cita Rocha (2025, p.24) torna-se um eixo central para compreender as narrativas, as linguagens e as práticas de violência direcionadas aos grupos que, de alguma forma, estiveram fora da ortodoxia religiosa cristã. Satã confere poder a agentes específicos, que operam na Terra em seu nome e causam todo tipo de infortúnio à humanidade, sendo preciso eliminar todos os vestígios da sua presença, por todos os meios necessários, inclusive a “morte justa”, para alcançar a salvação. De acordo com essa mentalidade, para não condenar o plano de Deus para toda a humanidade, os fins justificam os meios: colonização, cruzadas, inquisição, invasão, encarceramento, silenciamento, tortura e aniquilamento.

No Brasil um dos maiores expoentes do neopentecostalismo é a Igreja Universal do Reino de Deus, que possui 7 milhões de fiéis e simpatizantes no país e 2,9 milhões no exterior. (UNIVERSAL, 2020). De forma inteligente o seu fundador, o Bispo Edir Macedo refuta toda a ritualística de outras religiões como exemplo a seguir:

No Brasil, em seitas como vodu, macumba, quimbanda, candomblé ou umbanda, os demônios são adorados, agradados ou servidos como verdadeiros deuses. No espiritismo mais sofisticado, eles se manifestam mentindo, afirmando ser espíritos de pessoas que já morreram (médicos, poetas, escritores, pintores, sábios, etc). Se fazem também passar por espíritos de pessoas da própria família dos que se encontram nas reuniões, quando são invocados para "prestar caridade" ou receber uma "doutrina" (Macedo, 1997, p5).

A princípio pode parecer que esse fato não pode realmente afetar os praticantes, o livro “Orixás, Caboclos e Guias: anjos ou demônios?” do Bispo Edir Macedo, do qual foi retirado a citação acima, de forma isolada não detém esse poder, porém vindo de um líder religioso, ele forma opinião. Os ataques feitos pelos fundamentalistas são graves, como mostra a seguir:

No final de 1999, o terreiro de candomblé Ilê Axé Abassá de Ogum, liderado pela Yalorixá Gildásia dos Santos, conhecida como Mãe Gilda de Ogum, sofreu um ataque motivado por racismo religioso, em Salvador, Bahia. O axé de mãe Gilda foi invadido e depredado por fanáticos ligados a IURD, na ocasião os fundamentalistas espancaram o marido da sacerdotisa. Dois meses depois, um jornal da mesma igreja publicou uma foto de mãe Gilda com uma tarja no rosto e a manchete: “Macumbeiros charlatões lesam a vida e o bolso de clientes”. Ao ver a publicação, Mãe Gilda teve um ataque cardíaco fulminante e faleceu no dia 21 de janeiro de 2000. Em homenagem a yalorixá a data foi instituída como Dia Nacional de Combate a Intolerância Religiosa, em 2007, pelo então presidente Luiz Inacio Lula da Silva.” (Simas, 2023, p.149).

As igrejas neopentecostais não mantêm sozinhas o racismo religioso vivo nos dias de hoje, elas apenas contribuem para que as pessoas externalizem seus medos e inseguranças através do racismo que está enraizado dentro de cada um, se perceber racista é um passo muito difícil na sociedade, mas importante de ser dado. O uso do medo das pessoas em favor próprio é uma arma utilizada desde antes da inquisição, a caça às bruxas como servidas do diabo virou toda a população contra mulheres comuns. Como pode-se ver no exemplo a seguir:

Esse homem, que Deus levantou nesses dias para uma obra de grande vulto no cenário evangelístico nacional e mundial, conhece todas as artimanhas demoníacas.” [...] ” Através dos veículos de comunicação e das igrejas que tem estabelecido pelos rincões de nossa pátria e no exterior, o bispo Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra santa contra toda obra do diabo. Neste livro, denuncia as manobras satânicas através do kardecismo, da umbanda, do candomblé e outras seitas similares; coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem

passar por orixás, exus, erês, e ensina a fórmula para que a pessoa se liberte do seu domínio (Macedo, 1997, p. 3).

De acordo a própria igreja Universal em sua página eletrônica (2019), a primeira edição do livro supracitado vendeu mais de 3 milhões de exemplares e foi relançado em 2019, o tema é recente. A guerra santa citada acima, para Luiz Antônio Simas (2023, p.155) é uma batalha política, contra um Brasil institucional fundado na colonialidade do terror e da exclusão social.

Uma guerra de proporções desiguais, de acordo com censo de 2022 recentemente divulgado pelo IBGE, a quantidade de evangélicos vem crescendo, a de católicos caindo, e os fiéis de religiões de matriz africana vem aumentando.

Religiões no Brasil 2012	% População	Religiões no Brasil 2022	% População
Católica	65,1%	Católica	56,7%
Evangélica	21,6%	Evangélica	26,9%
Espírita	2,2%	Espírita	1,8%
Umbanda e Candomblé	0,3%	Umbanda e Candomblé	1,1%
Outras	2,9%	Outras	4,2%
Sem religião	7,9%	Sem religião	9,3%

Fonte: IBGE, 2025

O quadro acima mostra um aumento significativo na quantidade de praticantes de Umbanda e Candomblé, um pouco disso se deve, também, às mobilizações feitas nas redes sociais, onde líderes dessas religiões pediam aos praticantes que não se definissem espíritas ou católicos quando o representante do censo questionasse, hábito comum para evitar ataques preconceituosos.



Fonte: Portal Terra (2022)



A importância de informar a religião correta, principalmente para as religiões de matriz africana, que são a minoria, é de ter mais força na busca por direitos, nessa “guerra” contra a doutrina evangélica que tenta “tirar o demônio” e converter as pessoas, prática realizada pela igreja católica nos tempos coloniais, e agora assumida pela igreja evangélica, pois como elucida Silva (2007, p.216), no interior das igrejas neopentecostais são frequentes as sessões de exorcismo (ou “descarrego”, conforme denominação da IURD) das entidades de terreiro, que são chamadas a incorporar para em seguida serem desqualificadas e expulsas como forma de libertação espiritual do fiel. Este ataque estende-se aos programas religiosos como por exemplo: Fala que eu te escuto, Show da fé, entre outros, transmitidos pela Rede Record (de propriedade da IURD).

Outro aspecto a ser abordado brevemente, citado por Silva (2007, p.219) é a desqualificação dos símbolos pertencentes a cultura negra, paradoxalmente, a sua “incorporação” nas práticas evangélicas, porém dissociando-os de sua relação com as religiões afro-brasileiras. Surgindo então, a capoeira de Cristo, evangélica ou gospel, em cujas letras não há referências aos orixás ou aos santos católicos. O 1º. Encontro Nacional de Capoeiristas Evangélicos aconteceu em 2005, em Goiânia, e o tema escolhido foi “Deus, o verdadeiro ancestral da capoeira”. Neste contexto, há uma refutação da contribuição da ancestralidade ou da espiritualidade africana na formação da capoeira, como se vê na menção a “Deus” como o “verdadeiro ancestral” dessa prática que, na sua origem, esteve intimamente relacionada ao candomblé. Outro exemplo é o “acarajé do Senhor” feito por mulheres evangélicas no intuito de dissociar este alimento das religiões afro-brasileiras (o acarajé é uma comida relacionada a Orixá Iansã) e da imagem das baianas que tradicionalmente o comercializam vestidas com suas saias brancas e seus colares de conta (guias) uma indumentária típica dos terreiros e conhecida nacionalmente. Sendo inclusive, atrativo turístico na região nordeste do país.

Essas práticas não são proibidas, mas são chamadas de apropriação cultural, esse hábito atinge os verdadeiros donos dessa cultura. Mantendo o preconceito presente. A lei hoje em dia pune os casos de racismo religioso, diferente do que era antigamente, quando a igreja era protegida pelo estado que era cristão.

CONCLUSÃO

O racismo intrínseco na sociedade unido a inteligência de alguns líderes religiosos que utilizam de seus fiéis para travar uma guerra contra as religiões de matriz africana mostra que apesar de nos dias de hoje ser fácil o acesso à informação, a falta de conhecimento e reflexão gera o desrespeito com a fé alheia. A falta autoconhecimento, autocrítica, de percepção da realidade, mantém vivo o racismo religioso em pleno século XXI, as pessoas vivem em suas bolhas, os algoritmos nas redes sociais fazem com que nada de novo, nada que desagrade apareça nos feeds. Tornando o diálogo importante, mas para isso as pessoas precisam estar abertas a ouvir, a compreender o outro. Sem julgamentos.

Se a lei não se aplica nas escolas de ensino fundamental e médio, então que essas pautas cheguem no meio acadêmico através das universidades, que as religiões de matriz africana cada vez mais ocupem os espaços sociais. Não somente através das oferendas nas ruas ou “afrontas” ao opressor que se sente ofendido pelo simples fato desses povos ainda existirem, mas sim, através da conversa, da troca de experiências, de vivências, do olho no olho, sem pré-julgamentos. Apenas com o intuito de aprender, não de ser catequizado, ou catequizar, até porque o que está em pauta não é onde você deposita a sua fé, sendo em uma divindade ou em nenhuma, mas sim na quantidade imensa de saberes que podem ser adquiridos em momentos de troca como estes sugeridos aqui.

O Brasil apesar de laico constitucionalmente traz em sua raiz os dogmas cristãos muito conectados com a vida do brasileiro, até mesmo dos brasileiros praticantes de religiões de matriz africana, por meio do sincretismo e do que podemos chamar de catolicismo popular, que seria a popularização do culto, assim como, pelo Brasil,



todos pulam as 7 ondas de Iemanjá na virada do ano, muito dos saberes cristãos foram agregadas as religiões de matriz africana. Sendo um país pluricultural, não seria sábio esperar que fosse de forma diferente.

A Quimbanda, Umbanda, Candomblé, dentre outras tantas religiões de matriz africana, vem desde a chegada dos escravizados aqui no Brasil, ocupando os espaços de convívio social, resistindo às senzalas, ao açoite, as torturas, a fome, a pobreza, aos ataques, a morte e celebrando à vida, às conquistas, a união de seu povo e sua ancestralidade sagrada, ancestralidade que pertence tanto ao Brasil quanto qualquer brasileiro, ou até mais, pois o Brasil é banhado em sangue negro, indígena e mestiço. Ocupar esses espaços, nada mais é, do que se apropriar do que já lhes pertence.

REFERÊNCIAS

AGENCIA PUBLICA. **Racismo é barreira para ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas.**2023.Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/racismo-e-barreira-para-ensino-da-historia-e-da-cultura-afro-brasileira-nas-escolas/>. Acesso em: 30 maio 2025.

BARBOSA JUNIOR, Ademir. **O Livro essencial de Umbanda**, São Paulo, Universo dos Livros, 2014.

BRASIL, **Decreto lei n 2848 de 7 de dezembro de 1940**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10602358/artigo-284-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 31 maio 2025.

BRASIL, **Lei Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003**, Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 31 maio 2025.

BRASIL. **Artigo 5º da constituição federal de 1988**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641516/artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BRASIL. **Decreto Nº 847, de 11 de Outubro de 1890**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/2693567078/decreto-847-90?msocid=06aab06a82866c8317e5a59783ed6d23>. Acesso em: 2 jun. 2025.

BRASIL. **Decreto Nº 847, de 11 de outubro de 1890**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm . Acesso em: 28 jun. 2025.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 3.914, de 9 de dezembro de 1941**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3914.htm . Acesso em: 28 jun. 2025.

BRASIL. **Lei Nº 3.353, de 13 de Maio de 1888**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm . Acesso em: 28 jun. 2025.

COPPINI, Danilo Pereira. **Quimbanda: O Culto da Chama Vermelha e Preta**. São Paulo, Via Sestra Editora, 2014.

CORRÊA, Mariana Gabriela. **Exu e Pomba-Gira: uma análise simbólica à luz da Teoria Junguiana**,2022. Disponível em: https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/27586/1/Tcc_PRONTO_Mariana%20Gabriela%20Cor.pdf Acesso em: 25 maio 2025.



CUNHA, Rafaela Cardoso Bezerra, TEIXEIRA, Ricardo Augusto de Araújo. **Rótulos no samba: crime e etiquetamento na cultura pop carioca do século XX.** (P. 296 – 319) EM TEMPO - Marília - v. 17 – 2018.

FRANCO, Giciana Paulo. **As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência,** Sacrilégens, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 30-46, jan-jun / 2021.

GANDRA, Valdinei Ramos, CORRÊA, Paulo André R., SILVA, Ellen Regine C., ZOT, Sandra Dal. **Desafios teológicos para a superação da intolerância religiosa no Brasil.** Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 8, n.1, p. 117-134 jan./jun. 2017.

IBGE. **Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país, 2025.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 8 jun. 2025.

Iemanjá a matriarca espiritual das águas. Fundação Palmares, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/iemanja-a-matriarca-espiritual-das-aguas>. Acesso em: 28 jun. 2025.

LEITE, Juliana, **Terreiro pede aos praticantes que se identifiquem no Censo 2022,** 2022, Disponível em: https://www.terra.com.br/nos/terreiro-pede-aos-praticantes-que-se-identifiquem-no-censo-2022,ba6bee441a8e5b6d373fb501705e386baa1a65qh.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 8 jun. 2025.

MARINGONI, Gilberto. **História - O destino dos negros após a Abolição,** 2011. Ano 8. Edição 70. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28 . Acesso em: 30 maio 2025.

O que acontece quando se lê o livro “Orixás, Caboclos e Guias”, 2019. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-acontece-quando-se-le-o-livro-orixas-caboclos-e-guias/>. Acesso em: 4 jun. 2025.

OLIVEIRA, Maria Luiza Pereira. **Religiões de matriz africana: quais são e por que sofrem preconceito 2022** <https://www.politize.com.br/religoes-de-matriz-africana/> . Acesso em: 1 jun. 2025.

PAI RODNEY. **Sexta feira é dia de branco.** 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/sexta-feira-e-dia-de-branco/> Acesso em: 30 maio 2025.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo.** Revista Mana 13(1): 207-236, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/dywGNkPpwm6d8GcMVvzskHj/#> . Acesso em: 30 maio 2025.

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbanda uma história do Brasil.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2023.

SOUZA, Renata, PAI DARIO. **Pedagogia do Axé: saberes, lutas e resistência dos povos de terreiro,** Rio de Janeiro, Editora Aruanda, 2024

SOUZA, Ricardo Luiz de. **O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações.** Revista Unisinos, Vol. 12 Nº 2 - maio/agosto de 2008. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5410/2659> . Acesso em: 30 maio 2025.

TJ-SC, **Santa Catarina é o Estado brasileiro recordista em registro de casos de injúria racial,** 2001 <https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/santa-catarina-e-o-estado-brasileiro-recordista-em-registro-de-casos-de-injuria-racial> Acesso em: 30 maio 2025.



Universal completa 43 anos com 10 milhões de fiéis pelo mundo, 2020. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo/>. Acesso em: 31 maio 2025.

VEIGA, Rychelmy Imbiriba. **Orixá Ou Diabo: A Construção Imagética De Exu No Brasil**. Revista Calundu –Vol.4, N.2, Jul-Dez 2020. Disponível em: <https://calundu.org/revista/revista-calundu-vol-4-n-2-jul-dez-2020/> . Acesso em: 30 maio 2025.